OPEN ACCESS

PUCRS | ESCOLA DE HUMANIDADES

LETRAS DE HOJE

Studies and debates in linguistics, literature and Portuguese language

Letras de hoje Porto Alegre, v. 61, n. 1, p. 1-16, jan.-dez. 2026
e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-3335

ARTIGOS

Análise dialógica do discurso digital: das relações dialógicas à relacionalidade da divulgação científica em rede social

Dialogic analysis of digital discourse: from dialogic relations to the relationality of scientific dissemination on social networks

Análisis dialógico del discurso digital: de las relaciones dialógicas a la relacionalidad en la comunicación científica en una red social

Urbano Cavalcante Filho[1]
orcid.org/0000-0002-1429-5300
urbano@ifba.edu.br

Recebido em: 22 jun. 2025.
Aprovado em: 09 jun. 2026.
Publicado em: 26 nov. 2026.

Resumo: O objetivo do artigo é analisar a construção de sentidos dos níveis de relações dialógicas e relacionalidade presentes em tecnodiscursos da divulgação científica em ambiente digital, especificamente na rede social *Facebook*. Do ponto de vista teórico, convocaremos, em caráter de convergência, pressupostos da análise dialógica do discurso e da análise do discurso digital, a partir dos trabalhos de Bakhtin e o Círculo, e da linguista Marie-Anne Paveau, respectivamente. Do ponto de vista metodológico, empreendemos uma "análise dialógica do discurso digital", a partir da descrição, observação e análise dos sentidos relacionais desses tecnodiscursos. Resultados do estudo apontam para: i) fecundidade da articulação entre esses pressupostos teórico-metodológico-analíticos ao evidenciar particularidades na experiência de consumo de informações sobre divulgação da ciência em ambiente digital; ii) as relações dialógicas e a relacionalidade se apresentam em diferentes níveis no tecnodiscurso e não se limitam apenas às interações sociais entre os usuários, mas envolvem também a relação com a máquina, já que os algoritmos orientam a plataforma e as subjetividades dos seus escrileitores.

Palavras-chave: análise dialógica do discurso; análise do discurso digital; tecnodiscursos; divulgação científica; *Facebook*.

Abstract: The aim of this article is to analyze the construction of meanings at the levels of dialogic relations and relationality present in scientific dissemination technodiscourses in a digital environment, specifically on the social network Facebook. From a theoretical point of view, we will use the assumptions of dialogic discourse analysis and digital discourse analysis, based on the work of Bakhtin and the Circle, and linguist Marie-Anne Paveau, respectively. From a methodological point of view, we undertook a "dialogical analysis of digital discourse", based on the description, observation and analysis of the relational meanings of these technodiscourses. The results of the study point to: i) the fruitfulness of the articulation between these theoretical-methodological-analytical assumptions in highlighting particularities in the experience of consuming information on scientific dissemination in a digital environment; ii) dialogic relations and relationality are presented at different levels in technodiscourse and are not limited only to social interactions between users, but also involve the relationship with the machine, since algorithms guide the platform and the subjectivities of its writers.

Keywords: dialogic discourse analysis; digital discourse analysis; technodiscourses; scientific dissemination; Facebook.

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar la construcción de significados en los niveles de las relaciones dialógicas y la relacionalidad presentes en los tecnodiscursos de comunicación científica en un entorno digital, concretamente en la red social Facebook. Desde un punto de vista teórico, convergerán supuestos del análisis dialógico del discurso y del análisis digital del discurso, basados en

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença CC-BY 4.0, que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

[1] Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil / Instituto Federal da Bahia, *Campus* Ilhéus, Bahia, Brasil.

la obra de Bajtín y el Círculo, y de la lingüista Marie-Anne Paveau, respectivamente. Desde un punto de vista metodológico, emprendimos un «análisis dialógico del discurso digital», basado en la descripción, observación y análisis de los significados relacionales de estos tecno-discursos. Los resultados del estudio apuntan a: i) la fecundidad de la articulación entre estos presupuestos teórico-metodológico-analíticos para destacar particularidades en la experiencia de consumo de información sobre comunicación científica en un entorno digital; ii) las relaciones dialógicas y la relacionalidad se presentan en diferentes niveles del tecnodiscurso y no se limitan sólo a las interacciones sociales entre usuarios, sino que también implican la relación con la máquina, ya que los algoritmos guían la plataforma y las subjetividades de sus redactores.

Palabras clave: análisis dialógico del discurso; análisis del discurso digital; tecnodiscursos; comunicación científica; *Facebook*.

> *A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. A escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado, reestruturados por dispositivos técnicos inéditos, estão ingressando em novas configurações sociais* (Lévy, 1998, p. 17).

1 Introdução

Na cronotopia atual, estamos vivendo em uma sociedade intensamente mediada pela comunicação, caracterizada pela velocidade e pelo volume com que as informações circulam e chegam até nós, configurando o traço definidor do que se convencionou chamar de *Era da Informação* (Castells, 1999). Nesse contexto, a internet consolida-se como um instrumento fundamental para a popularização da ciência, ao oferecer múltiplas possibilidades de interação e mediação por meio de linguagens híbridas e recursos tecnológicos. Nesse cenário, observamos que as redes sociais, em especial, vêm se destacando como canais eficazes na aproximação entre a ciência e a sociedade, sobretudo quando articulam texto, imagem e outros elementos multimodais.

A reflexão proposta neste artigo leva em consideração, portanto, esse contexto contemporâneo de circulação massiva de informações nas redes sociais, em geral, e no *Facebook*, em específico. Diante da importância que a divulgação da ciência desempenha na sociedade contemporânea, ao permitir que o conhecimento produzido chegue ao público não especialista de forma mais acessível e compreensível, são muitos aqueles que acabam se informando e tomando decisões embasadas em conteúdos veiculados no ambiente cibernético. Assim, o estudo desse discurso nesse ambiente se faz importante à medida que permite que compreendamos como o conhecimento científico é apropriado, reformulado e interpretado pelos sujeitos sociais. Observar sua linguagem, seu funcionamento, os recursos utilizados, dentre outros aspectos, acaba também por contribuir para a construção de um espaço digital mais democrático e para a valorização do conhecimento científico como um bem essencial à sociedade.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar a construção de sentidos dos níveis de relações semântico-axiológicas estabelecidos em tecnodiscursos da divulgação científica em ambiente digital, especificamente na rede social *Facebook*. Para isso, mobilizamos, de forma articulada, os conceitos de *relações dialógicas* (na perspectiva da análise dialógica do discurso, a partir dos pressupostos bakhtinianos) e o de *relacionalidade* (na perspectiva da análise do discurso digital, conforme proposição da linguista francesa Marie-Anne Paveau)[2][3].

2 As relações dialógicas como objeto da metalinguística bakhtiniana

Mikhail Bakhtin, nas suas produções realizadas entre as décadas de 1950 e 1970, propôs a fundação de um "programa de pesquisa" (Grillo, 2006a) ou uma ciência (Souza, 2002; Todorov, 1981), cujo foco estava voltado para os aspectos da linguagem que ultrapassassem a abordagem

[2] Essas reflexões derivam da pesquisa de pós-doutorado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/DLCV/FFLCH-USP), sob a supervisão da Professora Doutora Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro.

[3] Esse recorte da pesquisa de pós-doutoramento foi apresentado em forma de comunicação científica no XIV EPED – Encontro de Pós-Graduandos em Estudos Discursivos da USP, ocorrido na Universidade de São Paulo, em agosto de 2024.

da linguística estruturalista saussuriana. Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2018, p. 207) afirma:

> [...] são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo, as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subtendendo-a como um estudo – ainda não-constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da Linguística.

Observamos que essa disciplina nasce da distinção fundamental que o filósofo russo estabelece entre a oração, como unidade da língua, e o enunciado, como unidade concreta da interação discursiva (Bakhtin, 2016a), inaugurando, assim, uma nova orientação para os estudos da linguagem.

Essa distinção já é proposta no ensaio *Os gêneros do discurso* (2016a) e aprofundada em *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica*[4], quando a metalinguística é nomeada e caracterizada como um domínio teórico autônomo em relação à linguística tradicional.

A metalinguística, dessa forma, tem seu objeto próprio: as relações dialógicas, que se constituem como vínculos semânticos específicos entre enunciados concretos. Para Bakhtin (2016b, p. 92), "as relações dialógicas são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados da comunicação discursiva", de modo que quaisquer enunciados, ao se confrontarem no plano do sentido, estabelecem uma relação dialógica. Nessa perspectiva, constatamos que essas relações são de natureza semântica, pois, como enfatiza o autor, "a inter-relação semântica (dialética) e dialógica dos textos no âmbito de um determinado campo" (Bakhtin, 2016b, p. 75) é constitutiva da produção de sentido nas práticas discursivas. Dessa forma, o sentido de um enunciado não é fechado em si mesmo, mas emerge da tensão e da interlocução com outros enunciados.

Ao sistematizar a perspectiva teórico-metodológica da metalinguística e caracterizar as relações dialógicas em sua tese de livre docência, Grillo afirma:

> Portanto, as relações dialógicas se definem por uma série de traços dos quais enumeramos os que julgamos primordiais:
>
> 1) Conforme já mencionado, as relações dialógicas são de natureza semântica;
>
> 2) Elas ocorrem entre enunciados concretos: "É o novo tipo de relações semânticas, cujos membros só podem ser enunciados integrais" (2003d [1959- 1961], p. 330).
>
> 3) Por trás dos textos-enunciados estão sujeitos concretos, integrais, responsivos, inconclusos e inacabados, os quais só podem ser compreendidos por meio do diálogo e não explicados como na relação pessoa e objeto. As relações dialógicas são, portanto, relações pessoais, isto é, "vínculos semânticos personificados": "O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto)[...] Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite)" (2003a [1970-1971], p. 401);
>
> 4) As relações dialógicas no enunciado pressupõem ainda um supradestinatário entendido como "instância superior de compreensão responsiva que possa deslocar-se em diferentes sentidos" (2003d [1959-1961], p. 333). Essa instância garante que todo enunciado busca uma resposta que ultrapassa o destinatário imediato e previsto;
>
> 5) A produção/recepção do enunciado tem uma dimensão valorativa: "O enunciado pleno [...] não tem significado mas sentido. (Isto é, um sentido pleno, relacionado com o valor – com a verdade, a beleza, etc. – e que requer uma compreensão responsiva que inclui em si o juízo de valor)" (2003d [1959-1961], p. 332) (Grillo, 2013, p. 21-22).

Em vista disso, a metalinguística configura-se como uma semântica do enunciado, na qual o método de análise é, ele próprio, dialógico. Nessa atividade de análise, o papel do pesquisador não se circunscreve apenas à descrição objetiva dos enunciados (isso faz parte do processo da análise dialógica), mas estabelece uma interação responsiva com o texto e seu autor, situando-se como parte integrante da dinâmica discursiva. Esse posicionamento se evidencia na análise que Bakhtin realiza da obra de Dostoiévski, na qual a multiplicidade de vozes e consciências evidencia a primazia do diálogo na constituição do sentido (Bakhtin, 2018, 2022).

---

[4] Com base em Souza (2002), esse esboço de programa aparece nomeado pela primeira vez no texto "O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas", como é intitulado na coletânea *Estética da criação verbal* (Bakhtin, 2011).

Esse importante conceito tratado aqui é imprescindível para pensarmos os tecnodiscursos da divulgação da ciência na rede social *Facebook*, em diálogo com o conceito de relacionalidade, proposto por Marie-Anne Paveau (2017a, 2021), no âmbito da análise do discurso digital, principalmente ao pensar no papel do aparato tecnológico na constituição desses tecnodiscursos.

3 A relacionalidade no âmbito da tecnodiscursividade: a análise do discurso digital

Partindo de pressupostos desenvolvidos em pesquisa anterior, na qual se propôs uma reflexão sobre os modos como a linguagem opera em meio aos dispositivos digitais, Cavalcante Filho (2025a, p. 107) afirma:

> Tecnodiscurso é um conceito desenvolvido no âmbito da *análise do discurso digital*, com base nos estudos de Marie-Anne Paveau (2017a; 2017b; 2021). Trata-se de uma noção que considera a intersecção entre os dispositivos técnico-tecnológicos (como as plataformas digitais, dos algoritmos etc.) e as práticas linguageiras (produção, circulação e recepção de textos) no ambiente digital. Assim, pautada numa perspectiva pós-dualista, "pela qual nada pode ser pensado numa dicotomia entre objetividade e subjetividade, mas, sim, num *continuum*" (Paveau, 2021, p. 14), Paveau entende a relação indissociável entre os aspectos linguageiros e os recursos tecnológicos na explicação do funcionamento dos enunciados nato-digitais, ou tecnodiscursos. Dessa forma, o que está em jogo é a compreensão das relações entre sujeito, linguagem, máquina e sociedade, tão presentes e marcantes na contemporaneidade.

Assim, nessa perspectiva pós-dualista que sustenta as proposições da linguista francesa, ao enfatizar a indissociabilidade entre linguagem e tecnologia, observamos que uma das principais inflexões epistemológicas da análise do discurso na era digital é a superação da dicotomia entre sujeito e objeto, entre natureza e cultura, entre linguagem e técnica. E, nesse sentido, a noção de relacionalidade ganha relevo, à medida que rompe com abordagens que tratam os elementos discursivos como entidades isoladas, permitindo compreender os enunciados digitais como produtos de uma complexa rede de interações entre linguagem, sujeitos, tecnologias e materialidades diversas.

Na obra *Análise do Discurso digital: dicionário das formas e práticas,* Paveau nos apresenta o conceito de relacionalidade para descrever a dinâmica dos discursos na esfera digital. Como "um dos traços estruturais dos discursos digitais nativos, em particular na web" (Paveau, 2021, p. 311), a relacionalidade está intrinsecamente voltada à maneira como os enunciados nato-digitais emergem, se interconectam e se transformam por meio das interações mediadas pelas tecnologias digitais em diferentes aparelhos. Numa perspectiva que se afasta da noção de intertextualidade, como concebida nos estudos linguísticos tradicionais, cujo foco reside nas relações entre textos já existentes (Koch, 2002; Koch; Travaglia, 1990), a relacionalidade enfatiza a construção contínua do discurso, levando em consideração a potencialidade que os modos de produção colaborativa no ambiente digital se manifesta.

Para pensar a relacionalidade nas produções linguageiras mediadas pelo digital, concordamos com Cavalcante Filho quando afirma que a noção de tecnodiscurso se apresenta como central, sendo compreendida a partir de sua natureza nato-digital, o que evidencia "suas particularidades quanto à relacionalidade e suas características inéditas, como clicabilidade e imprevisibilidade [...] o que está em jogo é a compreensão das relações entre sujeito, linguagem, máquina e sociedade, tão presentes na contemporaneidade" (Cavalcante Filho, 2025a, p. 105).

Assim, como princípio fundamental do tecnodiscurso, pois considera que os enunciados digitais não existem de forma isolada, ao analisarmos qualquer produção discursiva em ambiente digital conectado, devemos levar em consideração os diferentes níveis com que a relação material desse fenômeno está relacionada, conforme elenca Paveau (2021, p. 311):

> - relação com outros tecnodiscursos em decorrência da estrutura hipertextual da web;
>
> - relação com os aparelhos em decorrência da natureza compósita dos tec-

> nodiscursos, literalmente coproduzidos na máquina;
>
> - relação com os escritores e os escrileitores, que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita e de leitura, e que torna os tecnodiscursos ideodigitais, isto é, dependentes do ponto de vista único do internauta.

Levando em consideração esses níveis, Paveau ainda argumenta sobre dois processos que fazem parte da existência do princípio da relacionalidade: o da investigabilidade e o da imprevisibilidade dos tecnodiscursos. O primeiro refere-se ao fato de poderem "ser buscados, encontrados e redocumentarizados a partir da exploração dos *links*" (Paveau, 2021, p. 312), por meio, por exemplo, de um buscador; já o da imprevisibilidade refere-se ao fato de que o leitor-escritor pode ignorar a maior parte dos *links* existentes entre os enunciados que ele produz ou lê, já que "a dimensão tecnológica da escrita digital [...] não é visível em tela; então, ele não pode prever nem controlar a forma e a circulação dos tecnodiscursos" (Paveau, 2021, p. 312).

Por fim, defendemos que pensar o contexto da produção tecnodiscursiva da divulgação científica digital significa considerar não apenas os aspectos das relações dialógicas, e portanto semânticas, dos enunciados, mas considerar sua dimensão material concretizada no fenômeno da relacionalidade.

Na seção a seguir, apresentamos os pressupostos metodológicos do estudo para o alcance do nosso objetivo, permitindo-nos compreender como relações dialógicas e a relacionalidade concorrem para a compreensão da dinâmica funcional e interativa de produções discursivas no ambiente digital.

4 Metodologia

De característica interpretativista, a metodologia do presente estudo é construída a partir de dois direcionamentos conceituais que nos ajudarão na escolha e delimitação do *corpus*: o conceito de divulgação científica (amparado na perspectiva da análise dialógica do discurso) e o de metodologia ecológica (com base nos princípios da análise do discurso digital).

Diante da variedade de conceituação em torno da divulgação científica (Grillo; Giering; Motta-Roth, 2016), nossas pesquisas têm assumido uma concepção desse fenômeno pautada na perspectiva bakhtiniana de relações dialógicas (Cavalcante Filho, 2017, 2021, 2025a; Grillo, 2013), a partir da qual a divulgação científica pode ser definida como

> [...] modalidade particular de relação dialógica – entendida na acepção bakhtiniana enquanto uma relação axiológico-semântica – entre a esfera científica e outras esferas da atividade humana, aí incluídos os níveis superiores da ideologia do cotidiano, cuja materialidade são os enunciados de gêneros variados (reportagem, artigo, editorial, livro, romance, exposição etc.) (Grillo, 2013, p. 88).

No que tange à metodologia ecológica para a análise do discurso digital, Paveau (2021, p. 313) destaca que a "relacionalidade dos tecnodiscursos implica igualmente escolhas metodológicas para a coleta de dados e a construção de observáveis". Esse princípio orienta a necessidade de respeitar as condições naturais de circulação e produção dos enunciados digitais, evitando a descontextualização dos dados. Assim, a abordagem ecológica parte da premissa de que a análise dos tecnodiscursos deve ocorrer em seus ambientes nativos – ou seja, nos espaços digitais em que emergem, circulam e interagem. Esse procedimento metodológico assegura que as observações analíticas considerem as dimensões materiais, interacionais e contextuais que constituem os sentidos dos enunciados em rede, reafirmando o caráter situado e dinâmico da produção discursiva *on-line*.

Feitos esses esclarecimentos, para a escolha do tecnodiscurso objeto de nossa análise neste artigo, obedecemos aos seguintes critérios de escolha: i) *Facebook* foi a rede social escolhida, em virtude de essa ter sido considerada o maior aplicativo do mundo, tendo tido, no quarto trimestre de 2024, 3,068 bilhões de usuários ativos, de

acordo com a Social Shepherd[5]; além disso, em estudos anteriores, já nos dedicamos a estudar redes sociais, como *Instagram* (2025a) e *X/Twitter* (2025b), analisando outros aspectos da produção tecnodiscursiva da divulgação científica; ii) *Dragões de Garagem* (@dragoesdegaragem) foi o perfil selecionado e "Cientirinhas #412", intitulada "Eu já tomei poesia hoje. E vocês?", foi a postagem selecionada em virtude de observamos variadas camadas de relações dialógicas e relacionalidade prototípicas que ilustram e permitem o alcance do objetivo proposto (como veremos nas análises a seguir); e iii) utilizamos o recurso do *print* (captura de tela) como estratégia para capturar o material publicado na referida rede social, dadas a instabilidade e a temporalidade de arquivos em ambiente digital. Sobre este último critério, consideramos as palavras de Assunção e Cavalcante Filho (2024, p. 459) ao analisem tecnodiscursos na rede social *X/Twitter*:

> A instabilidade do ambiente virtual influencia a construção do sentido, como uma costura que está sempre sendo refeita. A pesquisa com discursividades digitais requer capturar momentos específicos como enunciados concretos (Volóchinov, 2018), usando, por exemplo, ferramentas como o *print* (cf. Paveau, 2021) para se conseguir observar a ecologia tecnodiscursiva, levando em considerações elementos como curtidas, *retweets*, comentários, propagandas, entre outros. Além disso, o pesquisador deve se reconhecer como parte afetada pelo discurso digital, pois, mesmo que não ativamente envolvido, ele é influenciado pelo que circula na *Web*.

Diante dessas considerações, a análise do tecnodiscurso selecionado seguirá os seguintes passos: i) descreveremos a rede social *Facebook*, tendo em vista a importância de se compreender as especificidades da plataforma; ii) descreveremos e analisaremos o perfil selecionado (@dragoesdegaragem), com vistas à compreensão contextual e interpretação adequada do conteúdo e das estratégias discursivas da conta; iii) analisaremos os níveis de relações dialógicas e relacionalidade no tecnodiscurso referido.

5 Das relações dialógicas à relacionalidade: um experimento de análise dialógica do tecnodiscurso no *Facebook*

Criado em 2004 por Mark Zuckerberg, então estudante da Universidade Harvard, o *Facebook* surgiu inicialmente como uma plataforma voltada para a interação entre universitários. Em 2006, expandiu-se para o público geral, permitindo o cadastro de qualquer usuário com mais de 13 anos e um endereço de *e-mail* válido. Atualmente, consolidou-se como a maior rede social do mundo, reunindo mais de 3 bilhões de usuários, como já afirmado anteriormente, e proporcionando um espaço dinâmico para a conexão e o compartilhamento de informações entre familiares, amigos e comunidades *on-line*. Com esses mais de 3 bilhões de usuários ativos em todo o mundo, o *Facebook* continua sendo uma ferramenta poderosa para comunicação, entretenimento e negócios, adaptando-se constantemente às novas demandas e tendências do ambiente digital. Sobre esse tópico, convém consideramos novamente o que afirmaram Assunção e Cavalcante Filho (2024, p. 455):

> [...] uma rede social não foi pensada como ferramenta de divulgação científica, muito menos como veículo de informação, quiçá como substituto das mídias tradicionais. Entretanto, dado o seu poder de alcance, as redes sociais virtuais passaram de um lugar de entretenimento para um lugar de disputas de narrativas, de finalidade informativa e de midiativismo.

Essa transformação do *Facebook*, de rede de entretenimento para espaço de circulação de narrativas e disputas informativas, conforme apontado por Assunção e Cavalcante Filho (2024), evidencia o potencial midiático das redes sociais digitais em contextos cada vez mais complexos de produção de sentido.

Voltando a atenção para a apresentação do perfil, o "Dragões de Garagem" (@dragoesdegaragem) é um perfil dedicado à divulgação científica, com a finalidade de abordar temas diversos de forma acessível e engajante. Um

[5] Disponível em: https://thesocialshepherd.com/blog/facebook-statistics. Acesso em: 10 mar. 2025.

grupo de pesquisadores criou o perfil, no qual compartilham artigos, vídeos, *podcasts* e *posts* interativos. Conforme eles se apresentam em seu *site*,

> O Dragões de Garagem nasceu em 2012 como um podcast de divulgação científica, do desejo de falar sobre ciência de forma acessível e descontraída, incentivando a curiosidade e o pensamento crítico. Acreditamos que a popularização da ciência pode transformar nossas vidas e a sociedade. O conhecimento rompe barreiras, derruba paradigmas e nos dá o poder de transformar a realidade ao nosso redor.
>
> Somos apaixonados por ciências e como elas nos fazem experimentar o mundo. Assim, procuramos falar de ciência de forma natural e divertida, incentivando o pensamento crítico e a curiosidade do público. Nossa missão é divulgar ciência de forma abrangente e interessante, mostrando a importância desse corpo de conhecimento em nosso dia-a-dia social e profissional[6].

Figura 1 – *Print* do perfil @dragoesdegaragem



Figura 2 – *Print* da postagem "Cientirinhas #412"



Fonte: https://www.facebook.com/dragoesdegaragem. Captura em: 10 mar. 2025.

Publicado em 25 de março de 2024, esse tecnodiscurso selecionado para análise intitulado "Cientirinhas" nos remete a uma curiosidade na formação de sua palavra. Resultante da fusão dos termos *cientistas* e *tirinhas*, acaba por se configurar um neologismo (Alves, 2001) que sintetiza a proposta do projeto: divulgar ciência por meio de narrativas gráficas curtas e acessíveis. Podemos afirmar que essa escolha lexical já sugere um cruzamento entre dois domínios discursivos distintos, o *acadêmico-científico* (cujos discursos se enquadram no que Bakhtin classificou de gêneros secundários (Bakhtin, 2016a) e o *humorístico/popular*, evidenciando uma estratégia de aproximação entre a produção científica e o público não especialista. Podemos observar que esse outro domínio se relaciona com o que Volóchinov (2017) chamou de ideologia do cotidiano.

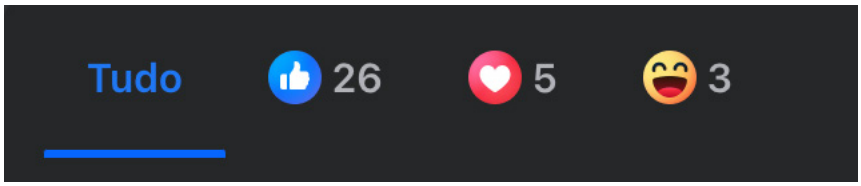
[6] Segundo o *site*, compõe a equipe do "Dragões de Garagem": Lucas Camargos, um entomólogo cocriador do canal; Bárbara Paes, bióloga mestra e doutora em Biologia molecular pela UnB; Matheus Cortezi, oceanógrafo e metre pela USP; Gabriela Sobral é doutora em Paleontologia pela Humboldt-Universität zu Berlin e pelo Museum für Naturkunde Berlin, com pós-doutorado no Staatliches Museum für Naturkunde Stuttgart; André Thieme é psicólogo e doutor em Psicologia pela UFSC; Tabata Bohlen é bióloga e mestre e doutora em Ciências pela USP; Marina Monteiro é bacharela em Física e Mestre em Ciências (atmosféricas); Pedro Taucce é biólogo, mestre em Zoologia pela UFMG, doutor em Ciências Biológicas, com pós-doutorado pela UNESP; Luciano Queiroz é doutor em Microbiologia pela USP. Disponível em: https://dragoesdegaragem.com/sobre/. Acesso em: 10 mar. 2025.

Em termos bakhtinianos, podemos conceber a tirinha como um gênero do discurso com função sociocomunicativa eficiente na comunicação na era digital, ao considerarmos, principalmente, a combinação entre imagem e texto numa produção tecnodiscursiva curta, de fácil compartilhamento e rápida assimilação.

Convém observamos que a junção dos dois elementos no título "Cientirinhas" nos sugere, portanto, um tensionamento entre o rigor da ciência (por meio do vocábulo "cientistas", que alude a um lugar de autoridade e rigor científico) e a leveza da tirinha, promovendo um jogo discursivo que visa tornar o conhecimento científico mais palatável, engajador e compreensível para diferentes públicos, em especial o público não especialista consumidor de conteúdo de divulgação científica.

Tendo em conta, ainda, as considerações sobre os elementos visuais que constituem esse tecnodiscurso, convém analisarmos as reações que constituem a postagem. Quando de sua captura, a postagem contava com 34 reações: 26 *curtidas*, 5 *amei*, 3 *risadas* e 4 compartilhamentos (mas nenhum comentário), conforme imagem a seguir.

Figura 3 – Reações à postagem



Perfil: https://www.facebook.com/share/15bnhRAiq1/. Captura em: 10 mar. 2025.

Ao observarmos as reações presentes na postagem, estamos diante de uma atitude responsiva ativa, como afirma Bakhtin (2016a). Com base na teoria bakhtiniana, todo enunciado é produzido em um contexto de interação e espera uma resposta. Essas reações próprias do *Facebook* como "curtir", "amei" e "risada", com seus tecnossignos específicos (Paveau, 2021), são formas contemporâneas de respostas ao enunciado e que fazem parte do encadeamento tecnodiscursivo, em especial nas redes sociais (Cavalcante Filho, 2025a), como é o caso do *Instagram*, do *Facebook*, do *X/Twitter*, entre outras redes sociais virtuais. Essas reações, além de constituir uma resposta avaliativa, também possuem uma força argumentativa, à medida que, no caso do "amei" ou da "risada", pode implicar adesão, rejeição ou mesmo ironia em relação à mensagem.

6 Níveis de relações dialógicas

No contexto da tecnodiscursividade da divulgação científica no *Facebook*, conforme estamos analisando, observamos que as relações dialógicas e de relacionalidade manifestam-se de forma complexa e multifacetada. A partir da concepção bakhtiniana, que concebe que todo enunciado é, por natureza, responsivo e relacional, situado numa cadeia contínua de interlocuções, ele está sempre em interação responsiva com outros enunciados, gêneros, esferas de atividade e formas de linguagem (Bakhtin, 2016a). No ambiente digital, essa dinâmica se intensifica pela diversidade de linguagens e formatos que compõem os textos. Assim, ao observarmos como essa dialogicidade em diferentes vozes, gêneros, esferas e linguagens (verbal e não verbal) se entrelaçam na constituição dos sentidos, propomos neste estudo a identificação de níveis de análise dialógica do tecnodiscurso analisado inicialmente, seguido da análise da relacionalidade também dividida em níveis (da hipertextualidade, com os aparelhos e com os escrileitores, na sequência).

6.1 Relações dialógicas entre esferas

Observamos nessa tirinha que um personagem pergunta sobre o café, e um cientista responde por meio de diversas áreas do conhecimento: biologia, química, física e, por fim, arte, ao afirmar

que "o café é poesia". Podemos observar que esse enunciado evidencia múltiplas vozes interagindo no discurso: a voz científica, que fragmenta a análise do café em suas diferentes disciplinas; a voz artística, que propõe uma visão subjetiva e estética da bebida; a voz humorística, que cria um efeito cômico ao contrastar a precisão científica com a subjetividade poética; e a voz midiática, que molda a tirinha conforme as dinâmicas comunicacionais da rede social.

As vozes pertencentes às diferentes esferas, como afirmado – nesse caso, pensando esfera em ternos bakhtinianos, como "importante alternativa para pensar as especificidades das produções ideológicas (obras literárias, artigos científicos, reportagens de jornal, livro didático etc.), sem cair na visão imanente da obra de arte do formalismo nem no determinismo do marxismo ortodoxo" (Grillo, 2006b, p. 1) –, demonstram como o discurso científico se apropria de elementos do humor e da arte para engajar o público. O efeito cômico surge justamente da justaposição entre os diferentes registros discursivos, reforçando a interação entre ciência e cultura popular. Confirmamos, assim, que esse tecnodiscurso exemplifica perfeitamente como a divulgação científica no *Facebook* se constrói a partir de interações complexas entre múltiplas vozes e esferas ideológicas (científica, artística, humorística e midiática), promovendo uma comunicação acessível e interativa com o público.

6.2 Relações dialógicas entre gêneros

Partindo do conceito bakhtiniano de "tipos relativamente estáveis de enunciados" (Bakhtin, 2016a, p. 12), o gênero do discurso materializado na produção tecnolinguageira do *post* dos @dragoesdegaragem revela uma complexa teia de outros gêneros discursivos que se entrecruzam e dialogam entre si, resultando na singularidade de seu significado. Um primeiro aspecto a ser observado é o de que o gênero que estrutura o tecnodiscurso é a tirinha, uma

> [...] narrativa curta leva a um desfecho humorístico, como corre em piadas. Entre as características desse gênero, podemos apontar: a) predomínio de sequências narrativas, com uso de diálogos; b) formato horizontal e retangular, composto de um ou mais quadros; c) personagens fixas ou não; d) funcionamento textual-discursivo semelhante ao das piadas (Lins; Elias; Souza Júnior, 2013, p. 7).

Pelo fato de permitir uma comunicação rápida, a tirinha organiza uma situação de enunciação materializada num diálogo entre cientistas sobre a caracterização do café. Mais que isso: essa produção carrega uma densidade semântica que reflete as relações dialógicas entre diferentes formas de discurso (Volóchinov, 2017). Dentre os gêneros que ali estabelecem essa relação semântica, além da própria tirinha, temos o diálogo, o parecer e a poesia. O diálogo, nesse caso, emerge da interação entre os cientistas no laboratório, um espaço tipicamente científico, apresentando um alto grau de tecnicidade e forte orientação para a discussão de dados, métodos e resultados, buscando validação argumentativa baseada em procedimentos e evidências científicas, quando discutem as propriedades do café sob diversas perspectivas (biológica, química, física). O diálogo, portanto, se dá na intenção de troca de informações e pela busca de uma resposta precisa, estabelecendo, assim, um contraponto entre o discurso científico e as demais esferas ideológicas que emergem na sequência.

Um outro gênero presente nesse jogo discursivo é o *parecer* introduzido quando um personagem pergunta no primeiro quadrinho: "Qual o parecer da biologia?". Estamos diante de um gênero tipicamente associado a avaliações formais e técnicas, próprias de contextos profissionais e científicos (Nascimento, 2013; Paulinelli, 2019), que se caracteriza pela emissão de uma opinião fundamentada, com base no conhecimento especializado. Nesse contexto, o uso do gênero *parecer* confere à tirinha uma camada de seriedade e autoridade científica, fazendo a transição da linguagem coloquial e jocosa para a terminologia mais formal e técnica, representada pela fala dos cientistas.

Por fim, subvertendo a expectativa, o gênero *poesia* aparece de forma inesperada no fechamento da tirinha, quando o cientista declara que

o café é "poesia". Esse movimento de transição de um discurso técnico para um discurso artístico é um exemplo de como diferentes gêneros podem ser combinados para criar um efeito de surpresa e humor. Embora tanto os discursos da esfera científica quanto os da esfera artística comportem dimensões valorativas e subjetivas, a poesia é frequentemente associada, no imaginário social, à expressão estética, à sensibilidade e/ou à emoção. Dessa forma, a tirinha, ao mobilizar esse gênero, rompe com a expectativa de uma explicação centrada apenas em aspectos científicos da bebida e acrescenta uma dimensão lúdica e filosófica à sua significação. Assim, tal movimento pode ser interpretado como uma reflexão sobre as relações entre ciência, arte e vida, tema discutido por Bakhtin em seu ensaio "Arte e responsabilidade" (2011).

6.3 Relações dialógicas entre semioses

Por considerarmos que estamos "imersos em uma infinidade de tecnodiscursos que não apelam apenas para grafemas verbais, mas que evidenciam formas inúmeras de circulação de ideias por meio de outras semioses" (Assunção; Cavalcante Filho, 2025, p. 2), esse terceiro nível de relação dialógica leva em consideração o diálogo entre as linguagens verbal e não verbal. Ao analisarmos relação dialógica entre as semioses no contexto da tirinha, em que os elementos verbais e não verbais se entrelaçam para construir o enunciado, podemos aprofundar a compreensão de como diferentes formas de signos – palavras, imagens, cores e outros recursos visuais – interagem na construção do sentido. Nessa tirinha, observamos que os recursos verbais e não verbais se complementam e se constituem mutuamente, formando uma unidade semântica que é mais do que a soma de suas partes.

A partir da teoria bakhtiniana, compreende-se que a construção de sentido é dialógica, envolvendo a interação entre diferentes tipos de signos. Na tirinha, os elementos verbais – como falas e diálogos – constroem uma mensagem que combina tecnicidade e humor. No entanto, como as palavras não operam isoladamente, os elementos não verbais, como desenhos, cores e disposição das imagens, contribuem ativamente para a produção de sentido. Araújo (2011) caracteriza a tirinha como um gênero multimodal que, nesse caso, utiliza recursos gráficos para reforçar a expressividade e o humor científico. Nesse contexto, a dimensão verbo-visual, segundo Brait (2013) e Grillo (2012), refere-se à articulação entre linguagem verbal e visual, em que ambas atuam de forma integrada e complementar, sem hierarquia, na constituição dos sentidos. Trata-se, assim, de uma relação constitutiva entre palavras e imagens que materializa o discurso, em especial dos enunciados da divulgação científica:

> A linguagem, verbal e não-verbal, é uma dimensão que atravessa todas as atividades de divulgação/popularização da ciência, constituindo-se em um ponto de vista privilegiado para seu estudo, descrição e análise (Grillo; Giering; Motta-Roth, 2016, p. 3).

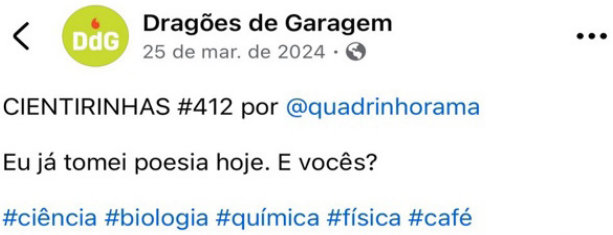
Portanto, "o diálogo entre os planos de expressão verbal e visual deve respeitar as especificidades na produção de sentido de cada plano semiótico" (Grillo, 2012, p. 243), o que nos leva a afirmar que a relação dialógica entre as semioses na tirinha não apenas ilumina o significado das palavras e imagens, mas também evidencia como a combinação desses elementos gera um sentido complexo e multifacetado, que depende da interação entre o verbal, o visual e o contextual.

7 Níveis de relacionalidade

Após a identificação dos níveis de relações dialógicas que atravessam o tecnodiscursos analisado, é possível aprofundarmos a compreensão do funcionamento discursivo observando os níveis de relacionalidade que se instauram na tessitura construção desse tecnodiscursos.

7.1 Relacionalidade com outros tecnodiscursos: a hipertextualidade

Figura 4 – Legenda do *post*



Fonte: https://www.facebook.com/dragoesdegaragem. Captura em: 10 mar. 2025.

Observemos que essa legenda estabelece relações interdiscursivas e hipertextuais com outros enunciados digitais por meio do uso de *hashtags* (#ciência #biologia #química #física #café), esta entendida como "segmento linguageiro precedido do signo #" que "transforma o segmento numa *tag* clicável [...] que permite acessar um fio que agrupa o conjunto dos enunciados que contém a *hashtag*" (Paveau, 2021, p. 223). Além disso, a própria numeração "Cientirinhas #412" remete a uma série recorrente, permitindo a navegação entre outros episódios similares. Por fim, convém mencionar a referência ao autor da tirinha (@quadrinhorama), que ativa redes de conteúdo e permite o deslocamento entre perfis e páginas de produção científica em formato humorístico/ilustrado.

Em trabalho anterior (Cavalcante Filho, 2025a), já mencionamos a importância de reivindicar os trabalhos pioneiros de Ferraz (2007) e Machado (2012, 2016), que, ao se debruçar sobre os gêneros e enunciados digitais da divulgação científica, já apontavam para a especificidade da dialogia nesse tipo de material discursivo. A autora evidencia que tais enunciados mobilizam uma forma própria de organização dialógica, que extrapola a lógica linear e monológica de outras modalidades discursivas. Nesse contexto, argumentamos complementarmente que a relacionalidade se manifesta de modo particular, articulando-se a uma dinâmica hipertextual própria do ambiente digital. Tal como observa Machado, o enunciado digital de divulgação científica (DCD) é constituído "[...] por uma instância dialógica específica. Portanto, além da divulgação científica, há uma outra ordem de modalidade dialógica no enunciado de DCD, a relação dialógica hipertextual, que se definiria como uma instância mais ampla do dialogismo presente nesses enunciados" (Machado, 2016, p. 95).

7.2 Relacionalidade com os aparelhos: a natureza compósita dos tecnodiscursos

Levando em consideração, como já abordamos neste artigo, que o tecnodiscurso é coproduzido com e pelos dispositivos digitais (a exemplo de câmeras, editores de imagem, *softwares* de desenho, plataformas de postagem, algoritmos de visibilidade), observamos, na tirinha, objeto de nossa análise, que sua forma final (formato, cores, elementos visuais, legibilidade, tempo de carregamento, entre outros) é condicionada pelas ferramentas técnicas que foram utilizadas para produzi-la e distribuí-la no ambiente cibernético. Assim, podemos ir além da afirmação de que o enunciado não é apenas verbo-visual, mas é tecnolinguageiro, à medida que é produto também de uma "escritura maquínica", que acaba por influenciar, moldar, "coagir" as diversas possibilidades expressivas e enunciativas de do sujeito autoral no processo de comunicação digital.

Para confirmar essa coprodução humano-máquina, observemos as seguintes peculiaridades desse enunciado digital: a) o conteúdo verbo-visual foi planejado e criado com o uso de *softwares* de desenho digital e montado para formatos específicos de redes sociais; b) a disposição gráfica foi adaptada à interface do *Facebook*, com uso

de imagem sequencial, texto curto e linguagem acessível, o que demonstra uma adequação ao modelo composicional digital, diferenciando-se, por exemplo, da interface de uma outra rede social, como o *Instagram*; c) o algoritmo da rede influencia sua circulação e visibilidade entre os usuários da rede (por meio dos *likes*, compartilhamentos, *hashtags*, comentários, entre outros), evidenciando que o tecnodiscurso nasce na e pela máquina, constituindo-se como um enunciado compósito e tecnicamente mediado.

7.3 Relacionalidade com os escrileitores: subjetividade digital em tela

Antes de mais nada, convém refletirmos sobre esse conceito de "escrileitor". Se considerarmos que, na lógica digital, o internauta não é apenas um leitor, ele é também um escritor, um sujeito que interage, compartilha, comenta, curte, remixando o tecnodiscursos. Assim, Paveau (2017b) propôs o conceito de "escrileitor" para caracterizar o sujeito inserido nos ambientes digitais, cuja atuação não se limita à leitura e à escrita tradicionais, mas se estende à interação com os textos de maneira complexa, subjetiva e multimodal, mobilizando distintas formas de expressão.

Nesse cenário, ao observamos a produção tecnolinguageira da tirinha, verificamos que a subjetividade emerge não apenas da autoria da tirinha, mas da forma como ela é lida e apropriada na interface do *Facebook*. Estamos diante de uma *timeline* personalizada, contamos com os filtros algorítmicos, identificamos a ordem que os comentários aparecem, e os próprios gestos tecnolinguageiros de curtir, compartilhar, salvar ou compartilhar acabam por moldar a experiência de leitura. Ou seja, seu sentido não está fixado apenas no conteúdo publicado, mas nas múltiplas possibilidades de atualização pelo ponto de vista único e situado do sujeito-internauta.

Observamos, ainda, a manifestação da subjetividade quando, de um lado, os produtores da tirinha (ou escrileitores) projetam um ponto de vista específico: uma perspectiva que alia ciência e sensibilidade artística, propondo uma leitura do café sob diferentes saberes (biologia, química, física e arte). Afirmamos, assim, que essa subjetividade se constrói por meio da configuração da plataforma (texto breve, estilo visual, posicionamento das falas, *emojis*, *hashtags*), além da ludicidade e do humor que marcam a postagem.

Do outro lado do polo enunciativo, temos os leitores que, por sua vez, interpretam e interagem com o enunciado conforme sua própria experiência digital (curtindo, comentando ou compartilhando, tornando-se, assim, também, coconstrutores do sentido.

Para finalizar este tópico, convocamos as palavras de Cavalcante Filho ao analisar aspectos tecnodiscursivos da divulgação científica em outra rede social, o *Instagram*, para tentar responder à pergunta que intitula a próxima subseção:

> Conforme observado, as relações dialógicas e a relacionalidade nesse tecnodiscurso não se limitam apenas às interações sociais entre os usuários, por meio de curtida, comentário, compartilhamento, mas envolve também a relação com os algoritmos que orientam as plataformas. A relação estabelecida entre algoritmos e conteúdo acaba por influenciar as experiências interacionais e interativas dos usuários nas redes sociais, principalmente em relação aos conteúdos consumidos (Cavalcante Filho, 2025a, p. 118).

8 Das relações dialógicas à relacionalidade: estamos diante de uma relacionalidade algorítmica?

De partida, é pertinente descartar a hipótese de termos uma relação dialógica algorítmica, a partir da concepção bakhtiniana que apregoa que as relações dialógicas se dão no nível do enunciado em sua materialidade.

Além disso, nos lembra Grillo (2006a, p. 123) que,

> Nessa circunscrição, Bakhtin admite a possibilidade de um enfoque dialógico em linguagens não-verbais, mas adverte que essas relações estão fora dos limites da metalingüística: "as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, mas essas relações ultrapassam os limites da metalingüística" (1963/1997, p. 184).

Dessa forma, como circunscrevemos nossas

análises em perspectiva do que estamos chamando de "análise dialógica do discurso digital, julgamos epistemologicamente prudente e coerente argumentar em torno de uma "relacionalidade algorítmica", à medida que esse fenômeno não se dá entre enunciados, mas entre enunciado e máquina.

Assim, ao considerarmos que "um algoritmo nada mais é do que uma sequência de etapas para resolver um problema ou realizar uma tarefa de forma automática, quer ele tenha apenas uma dezena de linhas de programação ou milhões delas empilhadas em uma espécie de pergaminho virtual" (Pierro, 2018, p. 18), podemos sustentar a noção de "relacionalidade algorítmica". Essa relacionalidade se manifesta tanto nas conexões promovidas pela hipertextualidade quanto, sobretudo, na coprodução entre humano e máquina, evidenciada na atuação dos algoritmos durante a experiência escrileitora dos usuários nas redes sociais. Considerando-se a presença constante desses algoritmos em mecanismos de busca, mídias sociais e serviços de *streaming*, apenas para citar esses, é possível afirmar que eles exercem influência significativa sobre os conteúdos que acessamos, consumimos e com os quais interagimos no ambiente digital.

9 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar os sentidos produzidos nos níveis de relações dialógicas e de relacionalidade em tecnodiscursos de divulgação científica veiculados no ambiente digital, tomando como objeto uma publicação na rede social *Facebook*. Para isso, propusemos uma articulação teórico-metodológica entre a análise dialógica do discurso, de base bakhtiniana, e a análise do discurso digital, ancorada nas contribuições de Marie-Anne Paveau. Tal articulação nos permitiu compreender de modo mais aprofundado as dinâmicas discursivas contemporâneas que emergem no espaço cibernético, sobretudo no que se refere à divulgação da ciência.

A partir da análise empreendida, constatamos que os sentidos construídos no tecnodiscurso examinado não se esgotam nas interações verbais entre sujeitos humanos, mas se alargam em múltiplas direções, envolvendo também dimensões tecnológicas, semióticas e algorítmicas. Identificamos, no plano das relações dialógicas, três níveis fundamentais: entre esferas, entre gêneros e entre semioses, revelando como o discurso científico, ao ser ressignificado na lógica das redes sociais, articula-se a vozes artísticas, humorísticas e midiáticas.

No plano da relacionalidade, também dividido em três níveis (hipertextualidade, aparelhos e escrileitores), observamos como o tecnodiscurso é coproduzido por sujeitos, dispositivos e plataformas, sendo moldado por algoritmos, interfaces e dinâmicas específicas do ambiente digital. Essas relações não apenas reorganizam a experiência de leitura e produção de sentido, mas evidenciam a presença ativa da tecnologia na constituição dos enunciados. A partir disso, sustentamos a noção de relacionalidade algorítmica, entendida como o vínculo estabelecido entre sujeitos e máquina no processo de circulação discursiva, o que nos permite superar qualquer perspectiva de neutralidade tecnológica.

Confirmamos, portanto, a fecundidade analítica da articulação entre os pressupostos teórico-metodológicos mobilizados, especialmente ao revelar que o tecnodiscurso da divulgação científica é produto de uma complexa rede de interações humanas, linguísticas e técnicas.

Por fim, reconhecemos que os resultados aqui alcançados não esgotam a complexidade do fenômeno analisado. No entanto, esperamos ter lançado luz sobre aspectos relevantes da tecnodiscursividade científica e apontado caminhos para investigações futuras, que considerem a centralidade da linguagem e das tecnologias digitais na produção de sentido na contemporaneidade.

Para sintetizar o que foi desenvolvido neste artigo, que propôs uma articulação entre a análise dialógica do discurso e a análise do discurso digital, destacamos que mesmo no compósito midiático, tal como no enunciado, que, segundo Volóchinov (2017) é ideológico por natureza, não

há espaço para neutralidade tecnológica. Em outras palavras, as tecnologias que mediam a produção e circulação discursiva não são neutras, pois estão atravessadas por valores, ideologias e interesses.

Referências

ALVES, I. M. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 40, 2001. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3992. Acesso em: 10 mar. 2025.

ARAÚJO, A. D. Gêneros multimodais: mapeando pesquisas no Brasil. *Linguagem em foco*, Fortaleza, n. 5, v. 3, 2011. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1846/1686. Acesso em: 10 mar. 2025.

ASSUNÇÃO, E. T. C.; CAVALCANTE FILHO, U. Pesquisa em rede social sob a ótica do dialogismo e da responsividade: a negação da ciência (entre)vista em comentários no *Twitter*. *Revista de Estudos da Linguagem*, *[s. l.]*, v. 32, n. 2, p. 449-478, 2024. DOI: 10.17851/2237-2083.32.2.449-478. Acesso em: 2 jul. 2025.

ASSUNÇÃO, E. T. C.; CAVALCANTE FILHO, U. O negacionismo científico em capas de revista: análise dialógico-digital de tecnografismos. *Redis: Revista de Estudos do Discurso*, *[s. l.]*, n. 16, p. 43-78, 2025. DOI: 10.21747/21833958/red16a2. Disponível em: https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/14944. Acesso em: 29 set. 2026.

BAKHTIN, M. Arte e responsabilidade. *In*: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. XXXIII-XXXIV.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. Originalmente publicado em 1963.

BAKHTIN, M. *Problemas da obra de Dostoiévski*. Trad., notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2022. Originalmente publicado em 1929.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Org. Trad. Posfácio e Notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016a. p. 11-69. Originalmente publicado em 1950-1953.

BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica. *In*: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Org., trad., posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016b. p. 71-107. Originalmente publicado em 1959-1961.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. Port. 43–66 / Eng. 42, 2013. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568. Acesso em: 2 jul. 2025.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 6. ed. Trad. Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTE FILHO, U. *A arquitetônica da divulgação científica nos enunciados das Conferências Populares da Glória (Séc. XIX).* 540 p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-19062017-114242/ptbr.Php. Acesso em: 12 set. 2024.

CAVALCANTE FILHO, U. Da interação discursiva à interatividade tecnodiscursiva da divulgação científica: por uma análise dialógica do discurso digital. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 99-124, 2025a. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v38i1p99-124. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/226745. Acesso em: 6 maio 2025.

CAVALCANTE FILHO, U. O tecnodiscurso do divulgador científico em rede social: um exercício de análise dialógica do discurso digital. *In*: VILLARTA-NEDER, M. A.; CASTRO DIAS, F. L. de; FERREIRA, H. M. (org.). *Diálogos com Bakhtin e o(s) círculo(s).* São Paulo: Parábola, 2025b p. 46-65.

CAVALCANTE FILHO, U. Traces de didacticité dans la vulgarisation scientifique : une analyse dialogique-comparative du discours de Ciência Hoje et de La Recherche. *In*: GRILLO, S. V. de C. ; REBOUL-TOURÉ, S.; GLUSHKOVA, M. (org.). *Analyse du discours et comparasion*: enjeux théoriques et méthodologiques. Peter Lang: Brussels, 2021. p. 221-245. (Études Contrastives; v. 16).

FERRAZ, F. S. M. *Gêneros da divulgação científica na internet*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-14032013-095711/. Acesso em: 2 jul. 2025.

GRILLO, S. V. de C. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. *Filologia e Linguística Portuguesa*, *[s. l.]*, v. 14, n. 2, p. 235-246, 2012. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v14i2p235-246. Disponível em: https://revistas.usp.br/flp/article/view/59912. Acesso em: 25 jun. 2024.

GRILLO, S. V. de C. A metalinguística: por uma ciência dialógica da linguagem. *Horizontes*, *[s. l.]*, v. 24, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2006a. Disponível em: https://lyceu-monline.usf.edu.br/webp/portalUSF/edusf/publicacoes/RevistaHorizontes/Volume_08/uploadAddress/Art1%5B6565%5D.pdf. Acesso em: 25 jun. 2024.

GRILLO, S. V. de C. Divulgação científica na esfera midiática. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. XV, 2006b. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3691/2416. Acesso em: 20 mar. 2024.

GRILLO, S. V. de C. *Divulgação científica*: linguagens, esferas e gêneros. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/8/tde-04112015-181038/pt-br.php. Acesso em: 16 jun. 2024.

GRILLO, S. V. de C.; GIERING, M. E.; MOTTA-ROTH, D. Perspectivas discursivas da divulgação/popularização da ciência. *Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso*, *São Paulo*, v. 11, n. 2, 2016. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/27166. Acesso em: 20 nov. 2023.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A Coerência Textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, I. G. V. *Desvelando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LÉVY, P. *A máquina universo*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

LINS, M. da P. P; ELIAS, V. M. da S.; SOUZA JÚNIOR, R. C. de. Leitura e compreensão de tiras de quadrinhos: contribuições da linguística textual para o ensino de língua portuguesa. *In*: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 2., São Paulo. São Paulo: ECA-USP, 2013. p. 1-15. Disponível em: https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais2asjornadas/anais/11%20-%20ARTIGO%20-%20MARIA%20DA%20PENHA%20LINS%20e%20VANDA%20MARIA%20ELIAS%20e%20RIVALDO%20CAPISTRANO%20JUNIOR%20-%20HQ%20E%20EDUCACAO.pdf. Acesso em: 2 set. 2026.

MACHADO, F. S. *Hipertextualidade:* uma abordagem bakhtiniana sobre relações dialógicas entre enunciados em rede. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-14032013-095711/. Acesso em: 15 mar. 2025.

MACHADO, F. S. A divulgação científica e o enunciado digital. *Bakhtiniana: Revista De Estudos Do Discurso*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 93-110, 2016. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23524/19238. Acesso em: 12 nov. 2023.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da Enunciação*. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Tradução de Sírio Possenti *et al.* Curitiba: Criar Edições, 2006.

NASCIMENTO, E. P. A modalização e os gêneros forumulaicos: estratatégia semântico-argumentativa. *Revista de Letras*, *[s. l.]*, v. 1, n. 32, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/13048/1/2013_art_epnascimento.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

PAULINELLI, M. DE P. T. A linguagem e seu caráter institucional: reflexões sobre o domínio discursivo jurídico. *Revista do GEL*, *[s. l.]*, v. 16, n. 2, p. 145-162, 2019. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2687/1645. Acesso em: 15 dez. 2024.

PAVEAU, M.-A. *L'analyse du discours numérique*: dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017a.

PAVEAU, M.-A. Des discours et des liens: Hypertextualité, technodiscursivité, écrilecture. *Sêmen*, Besancon, n. 42, 2017b. Disponível em: http://journals.openedition.org/semen/10609. Acesso em: 28 jan. 2019.
PAVEAU, M.-A. *Análise do Discurso Digital*: dicionário das formas e das práticas. Organização de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2021.

PIERRO, B. de. O mundo mediado por algoritmos: sistemas lógicos que sustentam os programas de computador têm impacto crescente no cotidiano. *Revista FAPESP*, São Paulo, ano 19, n. 266, abr. 2018. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/folheie-a-edicao-266/. Acesso em: 20 mar. 2024.

SOUZA, G. T. *A construção da metalinguística:* fragmentos de uma ciência da linguagem na obra de Bakhtin e seu círculo. 254 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-18112003-153036/. Acesso em: 25 jun. 2024.

TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique*: suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Seuil, 1981. 315 p.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Dra. Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro pela parceria na supervisão do Estágio de Pós-Doutoramento, que oportunizou estas reflexões, bem como ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização do estágio pós-doutoral.

Urbano Cavalcante Filho

Professor Titular do Instituto Federal da Bahia (IFBA, Ilhéus, Bahia, Brasil); professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações e PROFLETRAS da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil); Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP, Brasil), com Pós-Doutorados em Análise Dialógica do Discurso pela USP, em Análise Comparativa de Discursos pela Université Sorbonne Nouvelle (Paris, França) e em Análise do Discurso Digital pela USP; Líder do grupo de pesquisa *LINDES: Linguagens, Discurso e Sociedade* (IFBA/CNPq); Pesquisador do *Diálogo* e do *Linguagens, Discurso e Ensino* (USP/CNPq); vice-coordenador do GT *Estudos Bakhtininanos* da ANPOLL (biênios 2023-2025 e 2025-2027).

Endereço para correspondência

URBANO CAVALCANTE FILHO

Rod. Jorge Amado, BR 415, Km 13

Vila Cachoeira, 45661-700

Ilhéu, Bahia, Brasil

Como citar este artigo

CAVALCANTE FILHO, Urbano. Análise dialógica do discurso digital: das relações dialógicas à relacionalidade da divulgação científica em rede social . Letras de Hoje, [S. l.], [s.d.]. DOI: 10.15448/1984-7726.2026.1.48485. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/48485.

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.